

ABNEGAÇÃO: UM ELEMENTO NA ADORAÇÃO

George H. Morrison

*Tributai ao SENHOR a glória devida ao seu nome; trazei
oferendas e entrai nos seus átrios.*

(Salmo 96.8)

Na adoração pública, há certas exigências solicitadas de todo adorador. Existem determinados elementos que precisam estar presentes, para que a adoração seja realizada em espírito e em verdade. Por exemplo, existe o sentimento de gratidão pela bondade de Deus para conosco, dia após dia. Há também o sentimento de necessidade espiritual e o reconhecimento de que ninguém, exceto Deus, pode satisfazer essa necessidade. Existe o sentimento de que somos devedores a Cristo, que nos amou e a Si mesmo se entregou por nós; em cuja morte está nossa única esperança e cujo Espírito é nossa única força. Todos esses elementos precisam estar juntos e mesclados, para que a nossa adoração seja verdadeira ado-

ração. Sem estes elementos, uma pessoa pode vir à igreja e retirar-se “da maneira como entrou”.

Existe outro elemento, igualmente importante, que com frequência é ignorado — a abnegação. Todos admitimos que a adoração demanda louvores a Deus, mas também devemos lembrar que a adoração exige que nos neguemos a nós mesmos. Muitas pessoas consideram a adoração uma alegria; porém, ela é muito mais do que uma alegria, é um dever. Quando a entendemos corretamente, a adoração é um dever que possui uma natureza tão sublime e sobrenatural, que realizá-la corretamente é impossível, exceto quando existe certa medida de sacrifício pessoal. Seguindo este conceito, dis-

correrei sobre o elemento de sacrifício na adoração. Desejo insistir com você no fato de que adorar a Deus tem sempre de exigir abnegação. Considerando o assunto desta maneira, minha oração é que nossa adoração se torne algo nobre e escapemos da leviandade em relação a ela, a leviandade tão prevalecente e perniciosa.

CONTRIBUIR NA ADORAÇÃO

Primeiramente, o elemento de sacrifício pode ser visto na questão de ofertar dinheiro. “Trazei oferendas e entrai nos seus átrios.” Nenhum judeu vinha adorar com as mãos vazias. Ofertar de seus bens era uma parte de sua adoração. Dos treze cofres que havia no tesouro do templo, quatro eram para as ofertas voluntárias do povo. Esse espírito nobre da adoração no Antigo Testamento passou à adoração realizada pela igreja e foi grandemente intensificada e aprofundada pelo novo conceito do sacrifício de Cristo. “Graças a Deus pelo seu dom inefável!” — este sentimento era a mola mestra da liberalidade cristã. O sublime pensamento a

respeito de tudo que Cristo havia dado estimulava até os mais pobres a ofertarem. Este pensamento santificou de tal maneira o ofertar por

parte dos crentes, que Paulo falou sobre o triunfo da ressurreição e, em seguida, parecendo inconsciente da mudança de assunto, acrescentou: “Quanto à coleta para os crentes...”

Ora, enquanto todas as ofertas dos crentes eram aceitáveis a Deus e traziam bênção aos ofertantes, desde tempos remotos os homens espirituais sentiam que o verdadeiro ofertar tinha de envolver o negar-se a si mesmo. Lembramos o repúdio de Davi contra a atitude de oferecer a Deus algo que nada lhe custaria (2 Sm 24.24). Esse comportamento do rei Davi, em meio a todas as suas falhas, revela seu caráter centralizado em Deus. E lemos a respeito do Senhor Jesus e de seu julgamento referente à oferta da viúva e às riquezas que Ele encontrou em tal oferta, porque houve abnegação no ofertá-la. Foi um maravilhoso clamor que brotou dos lábios de Zaqueu, quando ele se encontrou face a face com o Senhor

Jesus. Ele clamou olhando para Jesus: “Senhor, resolvo dar aos pobres a metade dos meus bens” (Lc 19.8). Zaqueu sempre havia ofertado de conformidade com sua maneira judaica de fazê-lo. Ele nunca entrara no templo sem le-

var uma oferta; mas agora, ao contemplar Jesus, sentiu que nunca poderia dar o bastante.

Irmãos, esta é a característica

— ■ —

*A adoração é um dever
que possui uma natureza
tão sublime e sobrenatural,
que realizá-la
corretamente é impossível,
exceto quando existe
certa medida de
sacrifício pessoal.*

— ■ —

distintiva da oferta cristã: ela alcança a abnegação. Você pode contribuir como cidadão e nunca sentir essa característica; mas não penso que você pode ofertar como cristão e deixar de experimentá-la. Não penso que podemos ofertar no mesmo espírito de Jesus, até que, assim como Ele, nossa abnegação seja atingida, até que o amor de Cristo nos constranja a algum sacrifício, assim como O compeliu ao maior de todos os sacrifícios.

Com seriedade, perguntemos a nós mesmos: o nosso ofertar já chegou ao ponto de envolver sacrifício? Temos negado a nós mesmos alguma coisa, para que tenhamos condições de trazer oferendas aos átrios de Deus?

Somente assim o ofertar é uma alegria e nos aproximará mais de Cristo; somente assim o ofertar será um dos meios da graça, tão espiritual e fortalecedor quanto a oração.

Agora aprofundemo-nos um pouco mais; pois gradualmente, à medida que nos tornamos mais espirituais, o conceito de renúncia própria também se aprofunda em nós. Apenas trazer uma oferta em suas mãos não era o suficiente para uma pessoa que vinha adorar a Deus. Lentamente foi gravado na mente dos judeus o fato de que a verdadeira oferta estava no coração. E não existe algo tão instrutivo quanto observar nas Escrituras o desenvolvimento desse conceito — o gradual aprofundamento da abnegação como um elemento na adoração aceitável a Deus.

Primeiramente, devemos pensar no caso de Davi, um homem treinado

em rituais de adoração. Podemos deduzir que desde a sua juventude ele jamais havia adorado a Deus oferecendo alguma coisa que não lhe custasse nada. Ele trouxera suas ofertas, pagando por elas, e negara algo a si mesmo, de modo que pudesse comprá-las. O Deus que Davi encontrara, enquanto pastoreava seus rebanhos, não era um Deus que deveria ser adorado sem custo algum.

Em seguida, Davi subiu ao trono, ocorreu sua queda e a terrível devastação de seu caráter real; e ele descobriu que todo o sangue de bodes não poderia torná-lo um verdadeiro adorador novamente. “Os sacrifícios agradáveis a Deus são um espírito quebrantado, um coração humilhado e contrito”. Ainda que ele desse seu reino como oferta, não seria um adorador aceitável a Deus. Ele tinha de entregar a si mesmo como uma oferta a Deus; pois, do contrário, não seria um adorador aceitável. Davi tinha de negar a si mesmo e suas concupiscências; precisava abandonar seu orgulho e arrepender-se; pois, doutro modo, toda a sua adoração seria uma zombaria e o santuário, um lugar de esterilidade para ele. Desde o início ele sabia que adorar significava renunciar.

Seu pensamento de renúncia própria aprofundou-se. Ele reconheceu que não existe qualquer bênção no santuário, a menos que em seu coração houvesse arrependimento e humilhação. Esta era uma poderosa verdade que Davi precisava assimilar, uma verdade que enriqueceu a adoração a Deus através dos séculos, passando à Nova Aliança e a todas as congregações dos santos.

A ATITUDE DO CORAÇÃO NA ADORAÇÃO

Agora, olhemos para o maior filho de Davi e ouçamos as palavras dEle próprio. No Sermão do Monte, Ele se referiu à atitude de trazer uma oferta ao altar: “Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faz a tua oferta” (Mt 5.23-24). Observe que Jesus estava falando sobre adoração. Seu assunto não era a reparação de contendas. Ele estava nos ensinando quais os elementos necessários para adorarmos a Deus em espírito e em verdade. O Senhor Jesus não somente insistiu na atitude de ofertar — Ele estava certo de que isto é necessário —, mas também insistiu no fato de que por trás de cada oferta existe uma atitude de renúncia no coração. É mais fácil desistir de uma moeda do que desistir de uma contenda. É mais fácil estender a mão e fazer uma oferta generosa do que abandonar um rancor permanente e demorado.

E Jesus insistia sobre o seguinte: se a adoração tem de ser aceitável a Deus, o adorador precisa deixar de lado seu orgulho e humilhar-se, como uma criancinha. Isto não é fácil e nunca o será. Isso está muito acima da capacidade do homem natural. É muito difícil de ser realizado, muito desagradável e bastante contrário às inclinações do homem natural. Exige paciência e sacrifício íntimo; e, juntamente com oração, é o segredo da abnegação. Somente desta maneira,

conforme ensinou o Senhor Jesus, alguém pode esperar tornar-se adorador aceitável a Deus. Mas quem é suficiente para essas coisas? Isso é exatamente o que desejo gravar em sua mente. Pretendo ensinar-lhe que a adoração não é algo fácil; é bastante difícil. Não é um momento reconfortante no culto dominical, com músicas belas e um pregador eloqüente. É uma atitude do coração e da alma que é impossível existir sem que se negue a si mesmo. Agradeço a Deus pelo fato de que na mais pura adoração há poucas exigências ao intelecto. O mais humilde crente, que talvez não seja capaz de escrever uma carta, pode experimentar todas as bênçãos durante o culto. No entanto, na mais pura adoração existe uma exigência sobre a alma; existe uma chamada ao sacrifício e a tomar a sua cruz. O caminho que nos leva à igreja é semelhante ao que nos conduz ao céu — passa à sombra da cruz.

REUNIR-SE PARA A ADORAÇÃO

Agora consideremos o assunto de nos reunirmos para adoração pública. Na própria atitude de nos dirigirmos à igreja, em cada domingo, precisa haver um elemento de abnegação. Em áreas rurais, talvez seja um pouco diferente, pois em tais lugares as pessoas encontram-se mais isoladas. E, por causa de seu instinto social, sentem-se felizes por reunirem-se na igreja. Na cidade, porém, sempre há companhia, e a dificuldade é alguém ficar sozinho; por conseguinte, na cidade não há um instinto social que reforce a chamada à oração pública. Se uma pessoa examinasse apenas

suas inclinações, é provável que raramente ela viria à igreja. Ela está cansada quando a semana termina; e o domingo, afinal de contas, não é um dia de descanso? Talvez ela não esteja se sentindo bem e parece que poderá chover. Não somente isso, mas ela também poderá dizer, seriamente, que será mais beneficiada permanecendo em casa do que indo à igreja. E, se ela deseja um sermão, possui muitos em sua estante, escritos por homens que conhecem bem o coração e que a atingem de uma maneira que nem sempre acontece pelo que ela ouve do púlpito de sua igreja. Todas estas podem ser desculpas inconsistentes ou podem ser de fato verdadeiras. No entanto, revelam que a inclinação natural do coração se opõe à igreja. Mesmo levando em conta velhos hábitos e pressões sociais permanece o fato de que a abnegação é necessária, se alguém deseja estar todos os domingos na igreja.

A verdade é esta: a abnegação é boa para o homem e agrada a Deus.

A melhor de todas as maneiras de iniciar a semana é subjugar um pouco as nossas propensões. Realizar no domingo aquilo que é nosso dever e, ao fazê-lo, trazer nossa vontade em submissão é

um dos melhores indícios de que desfrutaremos de uma semana brilhante, um indício melhor do que a leitura de um excelente sermão na

poltrona de descanso. Jesus “entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o seu costume, e levantou-se para ler” (Lc 4.16). Você já meditou nessas palavras? Ele era o Filho de Deus, o céu era sua habitação, mas, conforme seu costume, Ele foi *à igreja*. Jesus nunca disse: “Não preciso ir à igreja, posso desfrutar da comunhão com Deus em casa”. Ele tomou a cruz, negou a Si mesmo e nos diz que devemos seguir seus passos.

COMUNHÃO NA ADORAÇÃO

Deixemos de considerar agora o assunto de nos aproximarmos para adorar a Deus e falemos a respeito da própria adoração. Primeiramente, devemos pensar que a adoração significa comunhão. Na adoração pública, não somos apenas ouvintes, somos uma comunhão do povo de Deus. Você se dirige a uma palestra apenas para ouvi-la; vai ao teatro simplesmente para assistir uma peça; e não importa quem são as pessoas que estão ao seu lado. Elas não re-

presentam nada para você, e vice-versa. Nenhuma delas faria qualquer coisa por você ou procuraria ajudá-lo, se estivesse em dificuldade, ou o visitaria, se você estivesse doente, ou se esforçaria

para animá-lo, se você estivesse em dias de aflição. No teatro você tem uma platéia, mas isto não é verdade em relação à igreja. Você pode

— ■ —
*À medida que nos
 tornamos mais
 espirituais, o conceito
 de renúncia própria
 também se aprofunda
 em nós.*
 — ■ —

chamá-la de audiência, porém não é realmente uma audiência, em qualquer templo abençoado. É uma comunhão de homens e mulheres unidos pela mesma fé e por coisas profundas, homens e mulheres que amam uns aos outros em Cristo Jesus. Em toda comunhão deve haver certo elemento de sacrifício? É isto verdade em referência ao lar, para que o lar seja algo melhor do que uma bagunça? Sim; em toda comunhão precisa haver abnegação e uma constante disposição de ceder um pouco. Se isto é correto em referência à comunhão no lar, também é correto em relação à comunhão na igreja.

Assim como algumas mães, dignas desse nome, amam ao ponto de negarem a si mesmas em benefício de seus filhos queridos; assim como um esposo demonstrará consideração por sua esposa em toda decisão que tomar e todo plano que fizer, assim também na comunhão durante a adoração pública

tem de haver consideração mútua e uma constante disposição de renunciar um pouco por amor a outros em favor de quem Cristo morreu. Os jovens têm seus direitos, porém não insistirão neles, quando sabem que fazê-lo causará irritação e vexame aos mais velhos. Os mais velhos têm suas reivindicações; entretanto, por amor aos jovens, receberão com alegria aquilo que não lhes é tão interessante. E, quando um hino é cantado ou cer-

ta mensagem é pregada, embora pareçam não ter qualquer aplicação direta para determinado adorador, este sempre conservará em sua mente o fato de que para outro aquela mensagem é oportuna. Tudo isso constitui a essência da verdadeira adoração e exige um pouco de sacrifício. Sem isto, não existe um lar feliz; o mesmo é verdade em referência a uma igreja feliz. Uma terna consideração pelos outros, juntamente com a abnegação nela envolvida, é uma parte integral de nossa adoração pública.

NOSSA APROXIMAÇÃO A DEUS EM ADORAÇÃO

A mesma verdade se torna ainda mais evidente quando pensamos a respeito da adoração como nossa aproximação a Deus. Adoração significa nos aproximarmos de Deus por meio do novo e vivo caminho de Jesus Cristo.

Ora, é verdade

que fomos criados para Deus e que nEle vivemos, nos movemos e existimos. Também é verdade que, ao acordarmos e nos levantarmos, Ele não está distante de qualquer um de nós. No entanto, existe um tão grande envolvimento nas coisas do mundo, mesmo entre aqueles que oram e vigiam intensamente, que para nos aproximarmos de Deus com todo o coração é necessário um verdadeiro esforço.

— ■ —
*Adoração... é uma
 atitude do coração e da
 alma que é impossível
 existir sem que se negue a
 si mesmo.*
 — ■ —

Evidentemente, podemos ir à igreja, estar ali e jamais conhecer a realidade da adoração; pois somos capazes de nutrir pensamentos, ter sonhos e, em espírito, estar a milhares de quilômetros. Mas rejeitar calmamente pensamentos intrusos e dedicar-se à oração, louvor e leitura da Bíblia são tarefas que raramente serão fáceis e, para alguns, incrivelmente difíceis. Se houvesse algo que prendesse nossa atenção, isto faria toda a diferença do mundo. Em um teatro, você pode esquecer de si mesmo, absorvido pela excitação da peça. Mas a igreja do Deus vivo não é um teatro e, quando ela se torna teatral, a sua adoração desaparece, com todas as suas bênçãos. Se você quiser vaguear com seus pensamentos, pode fazê-lo sempre que desejar, pois

de modo visível nada existe na igreja para prender sua atenção.

Na adoração, há somente alguns hinos, oração tranqüila e a simples leitura de uma parte das Escrituras. Você precisa fazer o esforço necessário, fechar as portas de sua mente e reservar-se; através deste esforço, vem a bem-aventurança da adoração pública de Deus. Desse modo, a adoração torna-se um festa celestial — quando trazemos nossa vontade à adoração e a consideramos algo nobre. Desse modo, a adoração torna-se um dos meios da graça, em qualquer lugar populoso e agitado. Torne a adoração tão atrativa quanto desejar, mas lembre que, se ela tiver de ser-lhe uma bênção, você tem de negar a si mesmo, tomar a sua cruz, trazer ofertas e entrar nos átrios de Deus.

“PASSA PELO MEIO DO CAMINHO”

Antes de chegar ao Alto da Colina, porém, o sol se escondeu atrás do horizonte, e *Cristão* lembrou-se novamente da tolice de haver dormido. E lembrou-se também do que lhe contaram *Tímido* e *Desconfiado*, que haviam recuado com medo dos leões.

E pensou: — Essas feras devem estar por aí, à solta. Se me encontrarem no escuro, me matarão. Como poderei escapar?

Enquanto assim meditava sobre seu infeliz descuido, eis que levantou os olhos e viu um magnífico palácio à sua frente, cujo nome era *Belo*. Entretanto, por uma passagem estreita, porém, viu dois leões no caminho. Hesitava quando o porteiro, de nome *Vigia*, exclamou: — É assim pequena a tua coragem?

E continuou: — **Não temas passar. Os leões estão acorrentados e só estão aí para provar a fé ou a incredulidade. Passa pelo meio do caminho e nada te sucederá de mal.**

(Trechos da alegoria de John Bunyan, *O Peregrino – a história da viagem de um cristão à cidade celestial*. Ilustrado, 4a. edição revista e corrigida, 1981, Editora Fiel, SP, p. 43, itálicos e grifos nossos.)